

**Desejo sitiado**



# luz antiga

*Para ler à voz de Maria Bethânia.*

segredarei em teus ouvidos  
os meus tormentos  
dos meus dias de espera  
e os teus ouvidos  
eram buracos de concha  
retorcidos  
no desespero de não querer ouvir

me fizeram de pedra  
quando eu queria  
ser feita de amor.

**Hilda Hilst**

Depois da minha última taça de vinho,  
a música ainda gemia baixinho (Maria  
Bethânia – “Você” – ao som do vinil que  
comprei numa loja de livros usados, onde  
um rapazinho ouvia intermitentemente *los  
duelos y desesperaciones amorosas en la voz  
de Chavela Vargas*: “porque sé que mi amor

sin tu amor no vale nada. Me alejaré de aquí con un dolor dentro de mí. Te juro, corazón, que no es falta de amor, pero es mejor así..." Tinha curiosidade em saber como ele conseguia aqueles discos estrangeiros; se no mercado clandestino ou se um amigo de bigode espesso e negro os mandava ou se talvez havia sido presente de um amor que não foi possível, por esses fracassos aos quais todos estamos miseravelmente submetidos) e eu não deixava de olhar seus dentes brancos; o desespero se alastrando feito fogo por saber que já observava a porta; esbocei abrir outra garrafa, desisti, sabia que não aceitaria.

Meus pensamentos eram um torvelino, buscando meios para alargar o tempo de sua presença, do cheiro do seu cabelo, dos seus gestos suaves. Me machucava ver seus olhos deambularem pela sala em penumbra. Ainda lhe restavam dois dedos de vinho, não dava o derradeiro trago e nem se desfazia da taça, aumentando minha angústia e diminuindo minha esperança. Movimentava a taça e o líquido bordô

escorregava e deixava rastros vermelhos na parede de cristal. O cheiro me inebriava porque o do vinho se misturava ao seu; era um corpo-vinho que eu precisava sorver e esparsar em meu corpo, mantendo sua vida presa a minha. Segurava a taça pelo pé, com a maior distância possível da cuba para manter ao máximo possível a frescura do que, com apenas um gole, nada restaria. Eu podia ver sua mão quase que inteira, as veias azuis num desenho assimétrico-abstrato, uma cicatriz no dedo mínimo por conta de um acidente quando criança; a marca era um risco preciso que ia da extremidade do dedo até o começo da unha. Vislumbrava tocar sua cicatriz com meu dedo indicador, sentindo aquele fio em alto relevo. A minha esperança era dúbia e o vinho se converteu numa metáfora: o fim se aproximando, o protelar, a indecisão, o não-saber... Peguei um cigarro. Ofereci. Aceitou. Acendi. Fumamos. As mãos se roçavam ao batermos as cinzas, não era proposital, mas eu daria parte da minha eternidade por essa mão de outrora-agora. Comecei a pensar

numa infinidade de perguntas na tentativa de ganhar tempo, o tempo-presença...

Eu não tinha concorrentes, perderia tudo para as horas. Já não sabia precisar o transcorrer da noite, apenas mensurava o momento exato em que se levantaria e abriria a porta. Uma tortura da qual não queria fim. E deus? Já nem me lembrava da última vez que tinha feito algum pedido e sempre que pensava em pedir algo, me recordava de um padre num antigo filme argentino, dizendo: "dios no está para eso". Terminamos os cigarros; a taça seguia com os dois dedos de vinho. Silêncio. Ruído dos carros que entrava pela janela. Cidade viva. A morte se aproximando de mim.

Foi até o balcão e depositou a taça, abandonando os dois dedos de vinho. Não voltou a se sentar. Sua ausência era certa e eu já sentia a dor de uma saudade sem antecedentes. Escorou o ombro esquerdo na parede e ficou olhando a cidade pela janela. Não dizia palavra e eu implorando por qualquer coisa, um gesto ordinário, um pedido, um verbo fugaz. Entreabri os

lábios para uma pergunta que não veio; fiz um ruído com os pés para que o olhar viesse a mim. Não conseguia por fim a esse entrave do tempo que me estava matando. A vida estava se esvaindo, meu olhar já não alcançava nada para além daquela sala-continente. Eu gravitava na fumaça de meus pensamentos.

Foi depois de você que tive a inscrição de meu nome próprio roubada – quis dizer num rompante com voz grave e sem permitir ser desautorizado. Mas não. Eu bem sei que não se trata de roubo, pois, sem que nada me fosse solicitado, entreguei tudo a ele; não houve nenhuma promessa e nem a felicidade de uma mentira eu recebi. Não me vieram pretensões ou intensões. Ficaram aqui lembranças silenciosas; a digital de seu espectro em todos os cantos da casa e a marca de sua boca marcada como brasa em minha pele. (Há tanto de você em minha história que eu quis nossa. Desejos divergentes. Afetos que nunca se encontraram. Não tenho competência para entender a impossibilidade, o veto, o espaço

intransponível; daí meu corpo ter espasmos pela falta, corpo-falta).

Virou o corpo, foi em direção à porta e tomou a rua.

Inerte, perdi também a ausência, já não tinha aquela presença que não existia; aquele fantasma me alimentava; e eu que nada possuía, fiquei sem a ilusão. Não conseguia levantar, não controlava meus pensamentos; sentia um forte desejo de tomar também a rua e jorrar meu grito perdido. Levantei como quem não sabe a que parte ir, peguei o copo e num gole seco traguei os dois dedos de vinho. Eu devorava aquele corpo inerte, sorvia seu cheiro, sua saliva, seu hálito; engolia-o para mantê-lo vivo em mim; não queria perder aquele corpo-fantasma. Depois do vinho, o que eu poderia fazer? Como prosseguir se a vida nada me oferecia?

Ando na sala em linhas retas, de um extremo a outro sem precisar o tempo; meus pensamentos sem autonomia alguma: por quê, por quê, por quê... No mesmo instante em que a porta se



fechou, perdi todos os meus sentidos. Aquela presença-ausente era a morte prenunciada. Onde vou depositar meu baú de lembranças, meus sorrisos, minhas lágrimas, minha vida, meus gemidos? Meus abandonos depositados ao pé da sarjeta gritam sem esperança de socorro. Um sol antigo conhece muito de mim e de minhas esperas. Minha idade é igual à da eternidade. De um extremo a outro até vir a próxima ação impensável. Volto ao sofá, cigarro, mãos trêmulas, cabelo desfeito, respiração ofegante: eu.

Impresso em Pólen Bold 90g/m<sup>2</sup> em  
São Paulo para Editora Penalux, em agosto de 2019.